

J. P. Rangel de Lima - C. C. Jesuino

Introdução

Os valores referem-se a orientações para o desejável ou preferível pelos actores sociais. Representam assim um ponto de encontro entre o indivíduo e a sociedade.

Znaniecki (1918) foi o primeiro a introduzir a noção de que o valor, nas ciências sociais, era susceptível de estudo empírico e que esse seria o tema central de uma nova disciplina, a psicologia social, por ele considerada como a ciência geral do lado subjectivo da cultura.

A previsão de Znaniecki não viria porém a concretizar-se de imediato. O estudo dos valores foi, pelo contrário, relativamente negligenciado em psicologia social, sendo quase exclusivamente abordado por filósofos, sociólogos e antropólogos sociais, enquanto que aquela se centrava predominantemente no estudo das atitudes.

Mas nem todos os psicólogos sociais descuraram o estudo dos valores, sendo aqui de salientar o nome de Milton Rokeach que tanto tem insistido na maior importância e centralidade dos valores para um melhor entendimento do comportamento e da mudança. Nesse sentido introduziu um questionário de valores - o RVS que reúne os requisitos práticos dum instrumento de medida curto e de fácil aplicação e ao mesmo tempo satisfaz às condições científicas exigidas por este tipo de investigação empírica. Esse questionário foi utilizado no estudo que se efectuou, no âmbito do GEPs, sobre os valores no Exército português.

Esta pesquisa integra-se num estudo mais vasto, iniciado há cerca de dois anos, que visa o levantamento de valores na sociedade portuguesa e eventual comparação com outras culturas. Trata-se aliás de um tendência cada vez mais generalizada como pode nomeadamente verificar-se a partir de uma organização como o «European Value Systems Study Group», que recentemente levou a efeito o levantamento dos valores de nove países europeus e cujos resultados se acham analisados pelo Professor Stroetzel em livro publicado em finais de 1983.

Também, entre nós, o «Instituto de Estudos para o Desenvolvimento» (IED) levou a efeito em 1983 um inquérito à juventude, que inclui a uma parte sobre valores e onde igualmente se recorreu à lista proposta por Rokeach.

Tratando-se duma metodologia que tem provado capacidade preditiva e discriminante, tanto de atitudes e comportamentos como dos respectivos actores sociais que as subscrevem, a sua utilização é naturalmente recomendada para comparar não apenas culturas nacionais mas, dentro destas, as diferentes subculturas que as integram

O interesse em estudar empiricamente os valores da instituição militar, decorre assim da possibilidade que tal estudo oferece para um melhor esclarecimento das orientações básicas que regulam este universo cultural, tão decisivo aliás para a compreensão da sociedade global de que faz parte.

Mais especificamente ainda, uma tal aproximação permite contribuir para elucidar em que medida e em que dimensões se pode formular ou confirmar o diagnóstico ou o estereótipo do conservadorismo da instituição militar. Uma tal hipótese foi designadamente avançada, num recente congresso de sociologia que teve lugar em Lisboa em 1980, pelo Professor Marotta, segundo o qual, no âmbito de um inquérito aplicado em vários países e patrocinado pelo «Institut für Sociologie» da Universidade de Berna, os militares de carreira seriam mais conservadores que outros grupos profissionais.

É pois no âmbito deste quadro geral que se apresentam aqui alguns resultados entretanto já colhidos no exército português e que, muito embora não permitam ainda conclusões firmes por não se dispor de elementos comparativos suficientes, nos parecem desde já indicativos de alguns aspectos predominantes no sistema de valores dos militares portugueses.

O estudo científico dos valores

Conceito de Valor Humano

O quadro de referência teórica adoptado é o proposto por Rokeach (1973). Segundo este autor o conceito de valor, enquanto variável psicológica, seria um conceito mais central, mais dinâmico, mais económico e mais susceptível de ligação interdisciplinar do que qualquer dos conceitos tradicionais do psicólogo como atitude, motivação, normas, necessidades ou traços.

Por «*valor*» entende-se, neste contexto, uma «crença duradoura de que um modo específico de conduta ou um estado final da existência é pessoalmente ou socialmente preferível a um modo de conduta ou a um estado final de existência que lhe seja oposto». Por «*sistema de valores*» entende-se «uma organização estável de crenças respeitantes a modos de conduta ou estados finais da existência hierarquizados ao longo dum contínuo de importância relativa» (Rokeach 1973: 5). Quando se afirma que os valores duma pessoa podem referir-se a *modos de conduta* ou a estados finais de existência, ou seja, a *objectivos últimos de vida*, estamos a distinguir os valores *instrumentais* e os *finais*. distinção que é adoptada aliás por filósofos e por psicólogos.

Ainda segundo Rokeach, os *valores finais* podem, por seu turno, centrar-se na *pessoa* - dignidade, sabedoria, harmonia interior, etc. ou no *grupo* - igualdade, verdadeira amizade, segurança nacional, etc. No primeiro caso são *valores pessoais* e no segundo *valores sociais*.

Os valores *instrumentais* podem, por seu turno, ter uma carga de *moralidade*, provocando problemas de consciência ou complexos de culpa quando violados, como por exemplo ser honesto, responsável, etc., ou estar mais orientados para a *auto-realização* do sujeito, como por exemplo, ser capaz, lógico, imaginativo, etc ..

No primeiro caso são *valores morais* e no segundo caso *valores de competência*.

Quanto às funções dos valores e dos sistemas de valores, podemos considerar, sugere Rokeach, 3 casos distintos:

- Os valores como *padrões orientadores da acção*.
- Os sistemas de valores como *planos de conjunto* para a resolução de conflitos e no domínio da tomada de decisão.
- Os valores como dando expressão às *motivações humanas*.

Alternativa Liberdade-Igualdade

Um aspecto particularmente interessante que Rokeach deriva da sua teoria dos sistemas de valores é o que se refere à caracterização das ideologias políticas a partir dos valores finais Liberdade e Igualdade. De acordo com a teoria de Rokeach é possível discriminar entre diferentes orientações políticas em função da importância relativa atribuída a estes dois valores. Na Fig. 1, esquematiza-se a tipologia proposta pelo autor.

Quando os valores Igualdade e Liberdade são ambas, ou um deles, classificados sensivelmente a meio da escala, isto significa uma orientação política menos definida e que poderíamos identificar, sugere Rokeach, à «maioria silenciosa». Este modelo de Rokeach difere da tradicional divisão bipolar em esquerda e direita, que é ainda corrente evocar, e difere também da tipologia de Eysenck, igualmente segundo dois eixos e que se representa na Fig. 2.

A tipologia de Rokeach oferece vantagens sobre a tipologia de Eysenck por virtude de utilizar duas dimensões conceitualmente mais independentes entre si (ortogonais) do que as dimensões de Eysenck. Daí, de resto, que a aplicação da tipologia de Eysenck nem sempre tenha obtido confirmação empírica enquanto que a de Rokeach tem revelado um considerável poder de discriminação. Estudos feitos em Inglaterra (Billig e Cochrane, 1979) e em Israel (Rim, 1971), para além dos efectuados por Rokeach nos Estados Unidos, fornecem uma confirmação clara do valor classificatório da tipologia.

Note-se que os termos utilizados por Rokeach para designar as orientações ideológicas mais típicas, devem ser interpretados num sentido muito amplo. *Capitalismo* significa, neste contexto, o liberalismo individualista e competitivo do princípio do século que volta a ser preconizado, por Milton Friedman. Rokeach apoiou-se, para operacionalizar este conceito, nos escritos de B. Coldwater. *Socialismo* significa, por seu turno, tanto a orientação da ala esquerda do partido democrático nos EUA como a orientação social-democrata e socialista em alguns países europeus. A fonte principal aqui utilizada por Rokeach foi uma antologia de textos organizada por R. Fromm (1960) e que tem como título «Let man prevail - A Socialist Manifest and Program». Quanto ao *comunismo* Rokeach utilizou textos de Lenine e quanto ao *fascismo* o texto utilizado foi o «Mein Kampf» de Hitler.

Qualquer analogia ou comparação que se estabeleça a partir desta tipologia terá que ter em consideração de que é mais o espírito do que a letra que aqui interessa ter em mente.

Para Stoetzel (1983: 50-53) ... «a escolha entre liberdade e igualdade é fortemente associada às respostas políticas e praticamente não é associada com outras. A liberdade é um valor de direita, a igualdade é um valor da esquerda. Em todos os países da Europa ocidental e também no Japão, aqueles que consideram a igualdade mais importante que a liberdade ocupam, em média, posições mais à esquerda na escala política.

... É preciso contudo fazer uma excepção para o nível social, ou se queremos, a classe e os rendimentos. Os mais favorecidos preferem a liberdade, os menos favorecidos a igualdade.

As pessoas de instrução superior que frequentemente se situam nas opiniões de esquerda, optam mais do que a média, pela liberdade ...

As atitudes morais tal como as religiosas não parecem exercer nenhum papel, salvo que os católicos favorecem menos a liberdade e mais a igualdade do que os protestantes» ...

Metodologia

Instrumentos

Para medir os valores empregou-se a escala E de Rokeach, na sua adaptação para português. O cálculo das frequências absolutas das diversas escolhas dos sujeitos da amostra real, permitiu identificar os sistemas de valores do grupo e subgrupos em análise. O teste não paramétrico da mediana (Siegel, 1956) facultou a determinação de diferenças significativas, tornando possível análises comparativas.

Sujeitos

Utilizou-se a técnica de amostragem estratificada proporcional (Blalock, 1979: 561) do universo de oficiais e sargentos do Quadro Permanente no activo. Os estratos foram estabelecidos por postos e por armas e serviços. A amostra real atingiu 7,7% - dentro do que se considerou representativo (5% a 10%).

Resultados

1. Resultados Globais

Resolveu-se privilegiar os valores que poderão ter sido mais influenciados pela mudança social provocada pelo 25 de Abril (32 A).

Numa análise global da amostra, verifica-se que os militares do exército dão elevada prioridade aos *valores finais* «paz» e «igualdade». A amostra, no seu conjunto, situa a «paz» praticamente em primeiro lugar (mesma mediana que «segurança familiar»), e reflecte muito provavelmente a importância atribuída a este valor no tempo presente. Reflecte ainda, possivelmente, o resultado de 14 anos de guerra em África. A «liberdade», é igualmente prioritária ao ser colocada em 5.º lugar com uma mediana praticamente idêntica à da «igualdade».

Os outros valores prioritários, no topo da escala, a «dignidade» (2.º lugar) e a «segurança familiar» (1.º lugar) são de características mais tradicionais e não devem ter sido tão afectadas por Abril.

A orientação predominante nos *valores finais* parece ser de ordem *social*, embora valores como a «dignidade» e «liberdade» indiquem igualmente prioridades pessoais. No fim da escala colocam a «salvação», o «mundo de beleza» e o «prazer».

Quanto à orientação ideológica política, a «igualdade» e «liberdade», sendo classificadas próximas uma da outra com prioridade muito elevada, indicam uma orientação socializante que é convergente com os dados de Stoetzel, segundo os quais «os europeus são a favor de um socialismo bastante moderado» (1983:53).

Quanto aos *valores instrumentais*, os militares do QP do Exército português atribuem elevada prioridade a ser «honesto» (o que também coincide com a maioria dos europeus), ser «capaz», ser «responsável» e ser «prestável». Se o primeiro também denota tradicionalismo, os outros três seriam valores de inovação (Stoetzel). Todavia no fim da escala aparecem os valores ser «independente» e ser «imaginativo», os quais, sendo característicos de inovação, são também de baixa percentagem de frequência atribuída pelos europeus (Stoetzel).

Agora a orientação é mais de ordem *moral*, registando-se apenas uma prioridade, embora alta (Med = 6), para um valor de competência - ser «capaz».

Em termos globais podemos interpretar o sistema como privilegiando a segurança e a paz e adoptando um arranjo social tanto quanto possível "igualitário mas sem prejuízo das liberdades individuais. Outro aspecto igualmente saliente, sobretudo a partir dos valores instrumentais, é o baixo nível de sucesso que está na base da prosperidade económica. Igualmente coerente com este nível de aspiração de sucesso, é a baixa prioridade atribuída ao hedonismo («prazer» e «vida confortável»). Poderíamos igualmente considerar isto como um reforço da opinião de que os portugueses são mais afiliativos do que competitivos (Jesuino: 1982). Ao posicionarem a salvação em último lugar com uma mediana muito baixa (16), denotam uma atitude predominantemente laica.

Os dois sistemas são relativamente parecidos em aspectos importantes. Ambos dão importância elevada ao valor «segurança familiar» e situam os mesmos 5 valores no 1.º quartil.

No que se refere à orientação ideológica política, tanto oficiais, como sargentos parecem preferir a orientação «socialista» moderada, com os oficiais a privilegiarem a «liberdade» e os sargentos a «igualdade», sendo no entanto muito próximas as medianas de «igualdade».

No fim da escala coincidem 3 valores o que reforça a proposição inicial de que os sistemas são relativamente parecidos.

As diferenças mais significativas aparecem nos valores «dignidade» (.001), «liberdade» (.05) e «Sentido de realização» (.001), com os oficiais a darem maior prioridade; e em «verdadeira amizade» (.01), «vida confortável» (.01) e «mundo de paz» (.001) mais preferidos pelos sargentos.

Valores Pessoais e Sociais

Se bem que ambos preferiram *valores sociais*, podemos sugerir que os sargentos dão-lhes mais ênfase. Julgamos ser de pôr em destaque à posição elevada que ambos conferem à «liberdade», «igualdade», «mundo de paz» e «segurança familiar»; e a baixa cotação dada à «segurança nacional», «mundo de beleza» e «salvação». Julgamos ainda de realçar as baixas medianas do valor «sentido de realização», a que poderá corresponder um baixo nível de motivação.

Os dois sistemas apresentam poucas semelhanças. Só o valor «honesto» é coincidente e são poucos os valores convertentes nos quartis (Tabela 3 A). Só 4 valores não acusam diferenças significativas.

Os oficiais valorizam mais o ser «responsável» (0.1) «capaz» (0.001) e «corajoso» (.01); os sargentos dão maior prioridade a ser «obediente» (.001) e «prestável» (.001), só para referir o topo da escala. As diferenças encontradas em ser «lógico» e «intelectual» sugerem a imagem do oficial que se vê a exercer as suas funções com profissionalismo responsável e competente.

Socialização Diferente e Responsabilidade Diversa

Os sistemas de valores instrumentais analisados parecem reflectir, de forma consistente, diferentes padrões de socialização e diferentes exigências funcionais. O maior conformismo e submissão observado nos sargentos está de acordo com o seu posicionamento na estrutura hierárquica militar e ao mesmo tempo reflecte as responsabilidades decorrentes das funções de enquadramento que lhes competem. Em contrapartida observa-se na classe dos oficiais um padrão de valores mais autónomo e menos submisso, que igualmente se coaduna com as suas funções de chefia e liderança organizacional.

Considerações finais

As diferenças pontuais observadas entre os sistemas de valores dos subgrupos analisados, não alteram a homogeneidade que parece caracterizar o sistema de valores dos quadros permanentes do activo do Exército português. Esse sistema pode ser globalmente caracterizado: por uma orientação que, embora predominantemente social, é sobretudo particularista - veja-se a importância dada à «segurança familiar» e «dignidade» -; por uma baixa prioridade atribuída ao sucesso material e ao hedonismo (Moskos I/O características institucionais); e por uma clara preferência pelo igualitarismo sócio-político.

Podemos dizer que não se comprova a validade da hipótese fundamental do professor Marota, pelo menos no Exército português - 1982.

Idênticos resultados, apontando para uma configuração semelhante, foram aliás encontrados em estudo feito na Força Aérea - 1979. Tal convergência sugere que existe uma certa homogeneidade nas características culturais da instituição militar portuguesa. Um estudo que decorre na Marinha, e está em vias de conclusão, indica nova configuração desta homogeneidade, mas com maiores diferenças fundamentais entre os subgrupos. É nossa intenção apresentar estas conclusões nas jornadas de Outubro.

Sai fora do âmbito desta comunicação propor explicações para os resultados obtidos e não se dispõe de dados que permitam formular hipóteses rigorosas. A título meramente especulativo pode todavia arriscar-se, dado o conteúdo temático do nosso Seminário, a opinião de que a sociedade portuguesa continua - dez anos, após o 25 de Abril - a viver numa atmosfera altamente politizada e ideologizada, cujos valores, entretanto tomados acessíveis pela mudança do regime, se reflecte no universo militar.

Considera-se ainda que estudos desta natureza ajudam a uma melhor caracterização da cultura dum determinado estrato social, neste caso o militar, justificando-se contudo um maior aprofundamento tanto no que se refere à pesquisa de processos psicológicos subjacentes, como por exemplo os decorrentes da socialização profissional. Para tanto seria necessário, por um lado, alargar as análises a populações a montante da instituição militar, como é o caso dos candidatos à carreira das armas e como é também o dos jovens em prestação de serviço militar obrigatório ou voluntário. Por outro lado, complementar essas pesquisas com estudos psico-sociológicos o que é, aliás, prática corrente nas Forças Armadas dos países mais evoluídos. Toma-se urgente pois a criação de um ou mais centros de estudos desta natureza no seio das nossas Forças Armadas em estreita ligação com a Universidade.

Para finalizar, gostaríamos de testemunhar o nosso agradecimento à Dra. Margarida Gameiro por todos os esclarecimentos que prestou e que enriqueceram o aspecto técnico dos cálculos estatísticos.

BIBLIOGRAFIA

- ALLOPORT, G. W. and all: «A Study of Values» - Boston; Houghton Mifflin, 1960.
- BILLIG, M. e Cochrane, R.: «Values of British Political Extremists and Potential Extremists: a discriminant analysis» - European Journal of Social Psychology, Vol. 9, 1979.
- BLALOCK,: «Social Statistics», MacGraw - Hill, 1979.
- I.E.D.: Inquérito IED - «Valores e atitudes dos jovens», Cadernos «Juventude», Lisboa 1983
- JESUINO, J. C.: «Anomia e Mudança na Sociedade Portuguesa» - In Mudança Social e Psicologia. Lisboa, Livros Horizonte, 1982
- KLUCKHOHN, F. and all: «Variations in Value Orientation» - Evaston, Ill, Row, Peterson, 1961.
- MASLOW, A. H.: «Religious Values and Peak-Experiences» - Columbus, Ohio; Ohio university Press, 1964.
- MORRIS, C. W.: «Varieties of Human Values» -Chicago; University of Chicago Press, 1956.
- MAROTTA, M.: «I Valori Nella Società Italiana» - Università di Roma, 1980.
- RIM, Y.: «Values in Leaderless Group Discussions» - Milano, Archivio de Psicologia, Neurologia e Psichiatria Anno XXXII fas. I-II, 1971.
- ROKEACH. M.: «Some Unresolved Issues in theories of Beliefs, Attitudes and Values». In Nebraska Symposium on Motivation. M. Page - 1979.
- ROKEACH, M.: «The Nature of Human Values» - N.Y.; Collier MacMillan, The Free Press, 1973.
- ROKEATH, M.: «Beliefs, Attitudes and Values» - S. Francisco; Jossey Bass, 1968.
- STOETZEL, J.: «Les Valeurs du Temps Present: une enquête» - PUF, 1983.
- SIEGEL: «Estatística não Paramétrica» 1956.
- ZNANIECKI, F.: «The Polish Peasant in Europe and America» - Boston Badger, 1918-1920.

NOTA

***Há que inserir o txt. entre variados quadros estatísticos e representativos.**